



ARTE E EDUCAÇÃO:

UM SOBREVOO PELA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
GABRIEL VALGA RICARDO

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

GABRIEL VALGA RICARDO

**ARTE E EDUCAÇÃO:
UM SOBREVOO PELA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

CRICIÚMA

2013

GABRIEL VALGA RICARDO

**ARTE E EDUCAÇÃO:
UM SOBREVÃO PELA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a Ma. Aurélia Regina de Souza Honorato

CRICIÚMA

2013

GABRIEL VALGA RICARDO

**ARTE E EDUCAÇÃO:
UM SOBREVIVO PELA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte

Criciúma, de Dezembro de 2013

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Aurélio Regina de Souza Honorato - Mestre em Educação - (UNESC) -
Orientadora

Prof^a. Edite Volpato Fernandes – Mestre – (UNESC)

Prof^a. Ana Lúcia Cardoso – Mestre – (UNESC)

Àqueles que não veem apenas chapéus.

AGRADECIMENTOS

Somente os fortes são capazes de compreender o que é um agradecimento. Quiçá, não por sua complexidade. Quando o simples ato de um Obrigado abraça os ouvidos de alguém, este aceita que, de certa forma, não é sozinho e que mais do que nunca, percebe que precisamos uns dos outros para seguir adiante. Faço honras àqueles todos que, assim como eu, adotam a filosofia do Obrigado independentemente da ocasião que seja.

Pai, eu lembro bem, dos infinitos metros de papel gastos comigo e as abundantes tintas guaches que regavam nossas tardes de criança. Obrigado.

Obrigado Mãe por não ter endoidecido em todas as mil e uma vezes que ao chegar em casa defrontou-se com os vestígios de criança carimbando pequeninos membros da sala de estar até o banheiro.

Mano, obrigado por abrir mão de grande parte de sua adolescência, para cuidar de um encrenqueiro que adorava, escondido, logo quando você saía, navegar em seus navios e voar nos aviões que ganhavam forma a cada peça de lego que você montava.

Tia Meri, a você dedico mais esse epílogo. Pelos incontáveis conselhos ganhos durante o caminho e aos abraços lacrimosos que ambos trocamos juntos.

Agradeço a eles Quatro, maiormente, que nunca desistiram desse zombeteiro, reforçando sempre que família significa muito mais do que um laço de sangue, me mostrando que não há limites para o amor.

Agradeço aos amigos, poucos que tenho, pelos quais sou responsável em torná-los singulares mesmo estando em meio a um plural. Entre eles, a querida Baumer que me ensinou a engatinhar, desvencilhando minhas bagunças fazendo-me crescer em meio aos livros.

E agora um muito Obrigado a minha co-piloto Léla, que colocou combustível e consertou minha imaginação, sobrevoando junto comigo em novas paisagens formadas por poesias e saberes.

Enfim, mas não menos importante, aos pinguins eu agradeço. Ao meu Pinguim Diego. Foi com ele que eu descobri o amor. O amor de um pinguim, que percorre além de uma vida.

E agora, à você e àqueles todos que se permitirem, destemidamente, enxergar comigo hoje e sempre, a jibóia e o elefante.

E não mais, nunca mais, o chapéu.

Obrigado.

“Nós humanos, estamos condenados a viver ligados uns aos outros – ou abençoados por conta disso. Enquanto uma única pessoa estiver sofrendo, ninguém será totalmente feliz. Nada no mundo nos é estranho, nem a dor, nem a alegria. Pois o mundo continua a ser um lugar de sofrimento, mesmo quando o prazer existe – e não deixa de ser prazeroso mesmo quando há dor. Quanto mais vivenciamos o sofrimento, mais apreciamos a felicidade”

A. G. Roemmers

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso é a janela que divide o olhar de uma experiência de Extensão Universitária, acontecida no ano de 2011\2012, e as contribuições que a experiência estética promove na formação de adolescentes da rede pública de Criciúma. Nesta pesquisa, sobrevoamos caminhos que nos permitiram dialogar de forma poetizada sobre tal experiência vivenciada pelos jovens que embarcaram nessa viagem junto a mim e a arte. Os autores que nos acompanharam, serviram de guia norteando as direções que seguimos a partir de suas teorias e seus conceitos na busca de um mesmo destino: ver a arte como transformadora de histórias. Entre esses copilotos destacam-se Exupery (2009), Roemmers (2011), Perissé (2010). Partindo ainda desse contexto, em meio a uma ação extensionista, sobrevoamos relatos que nos mostraram o quanto atividades como estas contribuem, tanto na formação dos acadêmicos atuantes, quanto na realidade social onde se encontra uma determinada situação problema. O porque, a pergunta que me motivou a explorar esses horizontes em meio a extensão acadêmica é saber O que dizem os e as adolescentes do projeto de extensão universitária sobre as experiências estéticas vivenciadas nas oficinas de arte expressão? Os resultados alcançados com essa breve viagem, revelaram o quanto o ensino da arte em espaços não formais de educação é significativo e como contribui na formação estética dos alunos.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Experiência Estética. Espaços não Formais. Ensino da Arte.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - GEDEST	17
Figura 2 – Circuito de Oficinas “A Natureza tem corpo, cor e som” – Oficina de Pigmentos Naturais - 2011	39
Figura 3 – Circuito de Oficinas “A Natureza tem corpo, cor e som” – Oficina de Musicalização - 2011.....	40
Figura 4 – Circuito de Oficinas “A Natureza tem corpo, cor e som” – Instrumentos criados na Oficina de Musicalização - 2011	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
PMC	Prefeitura Municipal de Criciúma

SUMÁRIO

1 O ARRUMAR DAS MALAS	11
2 ANTES DE PARTIR: O ROTEIRO DE VIAGEM	15
2.1 MAPEANDO PONTOS DE PARTIDA	16
3 ENSINO DA ARTE: UM SOBREVOO PELA EDUCAÇÃO ESTÉTICA	19
3.1 ATERRISSANDO EM ESPAÇOS FORMAIS E NÃO FORMAIS.....	21
3.2 EXPLORANDO NOVOS HORIZONTES: ESPAÇO NÃO FORMAL EM ÁREAS REGULARES DE ENSINO.....	24
4 CONEXÕES AÉREAS: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A PRÁTICA DOS SABERES	26
4.1 UMA PAUSA PARA LEMBRANÇAS: O COMBUSTÍVEL DESSA VIAGEM.....	27
5 SOLUCIONANDO PORQUÊS: AVERIGUANDO DESTINOS	32
5.1 MALAS FEITAS: A CONTRIBUIÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO ESTÉTICA DO SUJEITO.....	33
5.2 EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS: HORIZONTES SIGNIFICATIVOS EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE ENSINO.....	38
5.3 PROPOSTA DE AVENTURA	45
6 ULTIMA PARADA: O DESEMBARCAR DAS NOVAS MALAS	50
REFERÊNCIAS	52

1 O ARRUMAR DAS MALAS

Engraçado como sem perceber, já desde garotos, buscamos respostas para tudo. Mesmo não tendo uma que nos agrade, inventamos uma que satisfaça. Já iniciamos a vida com olhos curiosos que fotografam todas as imagens que atravessam nosso par de janelas castanhas, azuis ou verdes, buscando sempre processá-las pelo comandante geral do corpo humano, nosso cérebro.

O indivíduo não escolhe olhar, ele simplesmente olha e é olhado. As relações que se estabelecem seguidas deste olhar é que passam pelas escolhas. Primeiro eu olho, para depois decidir se fecho os olhos ou se abro mais, se desvio ou se vou de encontro, ou até se fico meio lá, meio cá. Certo é que uma vez estabelecido o olhar, o resultado desta ação permanece em algum lugar. Registro visível e invisível atado-marcado ao corpo. [...] Este movimento é um caminho, um possível caminho para a compreensão do outro, do eu e do mundo. (ARAÚJO, 2007, p.21).

Aos poucos vamos ampliando nosso repertório imagético, guardando tudo que pelos olhos passam. Claro que cada pessoa tende a ter um álbum de fotografias e uma máquina fotográfica singular. A minha máquina nesse caso, sempre foram as mãos, com elas registrava todas as texturas e formas possíveis. Tocava tudo que conseguia e foi por ser assim tátil, curioso, aventureiro, que abria tudo o que tinha ao meu redor, para descobrir como as coisas funcionavam lá dentro.

Os porquês sempre foram o meu forte, meu mundo na infância foi um ponto de interrogação. Mas eram porquês diferentes que me coçavam, me faziam ir em busca de formas distintas para respondê-los. Aprendi que ser criança é isso, é exteriorizar espontaneamente “[...] tanto pelo ponto de vista verbal, como plástico ou corporal, e sempre motivada pelo desejo da descoberta e por suas fantasias” (FERRAZ e FUSARI, 1993, p.55). Sempre me vi diante de situações problemáticas que me instigavam a resolvê-las. Não me contentava apenas em uma justificativa, queria sempre ir além daquilo que já sabia, ou em busca de uma nova forma de solucioná-las. Aprendi com Roemmers (2011), agora, depois de grande, que essas problemáticas se igualam a uma porta, “da qual você não tem uma chave” (p.16) e eu adorava passar a tarde imaginando diferentes possibilidades para destrancá-la. E assim, acredito que todos são capazes de destravá-la, mas isso somente ocorrerá “se você estiver convencido de que pode”. Caso contrário, se “acreditar que não pode é quase certo que não vai conseguir” (p.17).

Foi aí então que encontrei minha mais nova companheira, a arte, que nunca me limitou caminhos, bem pelo contrário, sempre fez e faz me perder entre tantas respostas.

Por muito tempo, foi ela que me ajudou nesse processo de descobrimento. Grande parte das minhas tardes ou tempo livre que tinha depois da escola, passava em um quartinho não muito grande em tamanho, mas que para mim, quando encontrava meus outros colegas - guache, pincel e papel - aquilo que antes era resumido em poucos metros quadrados, ganhava dimensões inimagináveis.

Ao acompanhar o desenvolvimento expressivo da criança percebe-se que ele resulta das elaborações de sensações, sentimentos e percepções vivenciadas intensamente. Por isso, quando ela desenha, pinta, dança e canta, o faz com vivacidade e muita emoção. (FERRAZ e FUSARI, 1993, p.55)

Acredito que foi graças a ela e a esse quartinho, que hoje me vejo professor de Artes, pois hoje convido meus alunos a serem passageiros, pilotos e comandantes, que se aventuram em meio aos diferentes modos de falar com a arte, sem prenderem-se em dimensões quantitativas, preocupando-se unicamente em tornar palpável aquilo que sentem por meio da experiência estética, porque isso é a arte, ela “[...] expressa o sentir, concretizando os sentimentos de uma forma que possam ser percebidos” (VASCONCELOS, 2006, p.41).

Foi através da experiência em um projeto de extensão universitária que efetivei meu amor pela educação estética, . Para mim, o aprender caminha lado a lado com o sentir e é nosso lado humano que levamos em conta quando adentramos em experiências que não precisam ser *tocáveis*, pois basta fecharmos os olhos para vivenciarmos como se fosse certa realidade. Foi na área da pesquisa que encontrei a possibilidade de atravessar novas portas e responder distintos porquês, de forma que o ato de *esclarecer meus porquês* auxiliasse outras pessoas a ultrapassarem novas portas. Nessa oficina ocorrida em 2011/2012, que tinha como foco realizar reflexões para a vivência da sexualidade, descobri muitos *Gabrieis* que também estavam atrás de várias respostas. Ali, por meio das metodologias, aplicadas por mim e outras duas bolsistas¹, que se revezavam nos encontros, e das

¹ Bolsistas que participaram da Oficina de Arte expressão: Refletindo para a vivência da sexualidade, Sinara Cardoso, Pauline Silvério.

produções voltadas às linguagens artísticas, era onde os alunos ganhavam a voz que lhes eram emudecidas na sala de aula do espaço regular, falavam o que tinham medo e o que não tinham, se aventuravam e até brincavam com a sua mais nova amiga, a Arte.

Foi a partir dessa experiência que me foi proporcionada com o projeto de extensão universitária que decidi logo nos primeiros semestres de faculdade, qual seria o tema que gostaria de me aprofundar, e a partir disso nasceu minha problemática, trazida nessa pesquisa. Busco aqui, mais alguns dos muitos porquês que colecionarei em minha vida. Trago como problema, querendo saber agora com essa pesquisa: **O que dizem os e as adolescentes do projeto de extensão universitária sobre as experiências estéticas vivenciadas nas oficinas de arte expressão?**

Tendo como norte essa problemática inicial, fazem-se necessários mais alguns porquês que se desdobraram e me impulsionaram nesta pesquisa: Como um projeto de extensão universitária pode contribuir na formação estética do sujeito? Experiências estéticas são significativas em espaços não formais de educação? Como caracterizar um espaço não formal dentro do espaço regular de ensino como a escola?

Foi em meio a esses tantos nós que dediquei muitas horas do meu tempo. Desatei as tramas dessa pesquisa, analisando registros documentais decorrentes da oficina, trazendo aqui de forma astronômica, fugindo um pouco desse engessamento científico, como a arte se faz presente em nossas vidas. Meu objetivo com essa pesquisa é perceber nas falas dos adolescentes, participantes do projeto de extensão universitária, as contribuições na formação estética dos mesmos durante os dois anos em que a oficina aconteceu.

Para me acompanhar nessa viagem ao mundo da pesquisa, abasteci minha escrita com a poética de Saint-Exupéry (2009), que durante minha infância, ele e seu Príncipezinho, me acompanharam aonde quer que eu fosse. Ainda não sendo o bastante, trago pensamentos de Roemmers (2011), que traz o Retorno do Príncipe agora já Jovem, que me ajudou a entender um mundo mais adulto. Nesta viagem também dialogo com as teorias da arte, da estética e do ensino da arte com autores que me ampliaram o olhar para o sentido das experiências com a arte, são eles: Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque e M. Terezinha Telles Guerra (2010), Gabriel Perissé (2009), Rodrigo Duarte (2012) e outros que complementam estes

estudos.

A estrutura dessa pesquisa divide-se em partes de uma aventura aeronáutica. Início essa viagem partindo primeiramente com o *Arrumar das malas*, onde trago nessa bagagem tudo o que precisei para começar a realizar essa pesquisa, os co-pilotos que me acompanham tanto nas fundamentações teóricas quanto nas orientações.

Posteriormente trago, agora com a mala pronta, o *Antes de partir: O roteiro de viagem*, por onde passei nessa experiência, apresentando a você, leitor, a forma como se desenvolveu a minha vivência, relatando os métodos e qualificando a pesquisa.

Por terceiro, adentro a base dessa pesquisa, com o capítulo que recebe o nome de *Ensino da Arte: um sobrevoo pela educação estética*, dialogando sobre a educação do sentir.

Em seguida, em *Conexões Aéreas: Extensão Universitária e a prática dos saberes*, apresento minha experiência vivida no contexto do projeto, mostrando as metodologias e revelando meu aprendizado na prática nesta atividade extensionista.

Logo após, antes de finalizar, trago no capítulo *Solucionando Porquês: Averiguando Destinos*, a análise desse grande porquê, onde as falas, fotos, vídeos, produções artísticas e documentos – as *soluções dos porquês* – nos dirão o destino final dessa mágica viagem.

Trago por fim a *Conclusão: O que levarei dessa viagem*, que como o próprio título já diz, trarei as considerações finais desta aventura e as perspectivas que esta pesquisa aponta.

Convido a você leitor que não apenas olhe, mas que, assim como eu, não desista de enxergar as coisas com a poética nos olhos e que acima de tudo, não enrijeça seu ser, esquecendo que somos todos eternas crianças, que buscam apenas nesse mundinho, mais uma forma de cativar.

2 ANTES DE PARTIR: O ROTEIRO DE VIAGEM

Como todo *roteiro de viagem*, pesquisar é buscar, descobrir e conhecer *lugares*. Lugares esses que não necessariamente precisam ser espaços físicos, mas podem ser dimensões ainda não exploradas por nós.

Segundo Silva e Menezes (2001, p. 29) “a pesquisa é um procedimento reflexivo e crítico de busca de respostas para problemas ainda não solucionados”. *É sair perguntando no mundo dos adultos, O Que enxergam e Por Que não sentem medo de nossos desenhos*². É idear respostas, que poderão ou não, nunca se sabe, nos responder alguma coisa. Mas o que nos move, não são as soluções que encontramos, mas os pontos de interrogações que colocamos nas frases.

De modo exploratório – aventureiro – segundo Gil (1999, p. 43), “[...] desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias” procuro me familiarizar com o(s) problema(s) que trago nessa pesquisa, baseando minhas buscas em análises bibliográficas, partindo de “[...] material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos” (SILVA; MENEZES, 2001, p. 21). Os documentos, relatórios escritos, relatórios em vídeo, produções artísticas dos participantes e principalmente as memórias, que carregarei comigo, me auxiliaram a compreender minha problemática. Dessa forma, foi possível gerar novos conhecimentos, ampliando o repertório de informações sobre educação em arte, caracterizando esse meu *explorar* como de natureza básica, não contendo aplicação prevista (SILVA; MENEZES, 2001).

Sendo de natureza subjetiva, os dados coletados aqui nessa busca de *porquês* qualificam minha pesquisa como qualitativa, que para Silva e Menezes (2001, p.20) “não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave”, desprendendo-se dos números. Como diz Saint Exupéry, “para nós, que compreendemos o significado da vida, os números não tem tanta importância” (2009, p.18).

Não é possível, por mais que se tente, medir ou dar conta de enumerar certas coisas, esse contar é invenção dos adultos, na busca de quantificar o *não quantificável*. Se dissermos às pessoas grandes: “Vi uma bela casa de tijolos cor-de-

² Nesse contexto, faz-se referência a história do livro *O Pequeno Príncipe*.

rosa, gerânios na janela, pombas no telhado...” elas não conseguem, de modo algum, fazer ideia da casa. É preciso dizer-lhes: “vi uma casa de seiscentos mil reais.” Então elas exclamam: “Que beleza!” (EXUPÉRY, 2009, p.18).

2.1 MAPEANDO PONTOS DE PARTIDA

Divertido como nós temos essa incrível capacidade de guardar as informações e arquivá-las como se fossem pequeninas pastas, engavetadas em um enorme armário existente dentro de nossa mente. Quando despertado, seja por um tocar das mãos ou um sentir com nariz, em fração de segundos nosso corpo todo trabalha explorando essas gavetas em busca de algum arquivo que nos faça recordar daquilo que se encontra diante de nós.

Recordar é reviver. É de certa forma poder controlar o tempo, voltar alguns segundos, minutos ou anos talvez e resgatar para o Agora, aquele conjunto de emoções/sensações que vivenciamos no passado. É desengavetar arquivos que parecem estar empoeirados pelo passar do tempo, mas que, no entanto, ainda vivem em nós, a espera do momento certo para nos presentear com um flashback.

As respostas - a coleta, tanto das produções plásticas, dos registros fotográficos, dos vídeos, como dos relatórios e metodologias - que nortearam essa pesquisa, encontravam-se em sua grande maioria no mesmo lugar que deixei há algum tempo atrás, esperando para serem rememoradas. Foi na pequenina sala do GEDEST³, onde passei muitas tardes planejando e relatando as experiências vividas após cada encontro da oficina, que me descobri pesquisador – explorador.

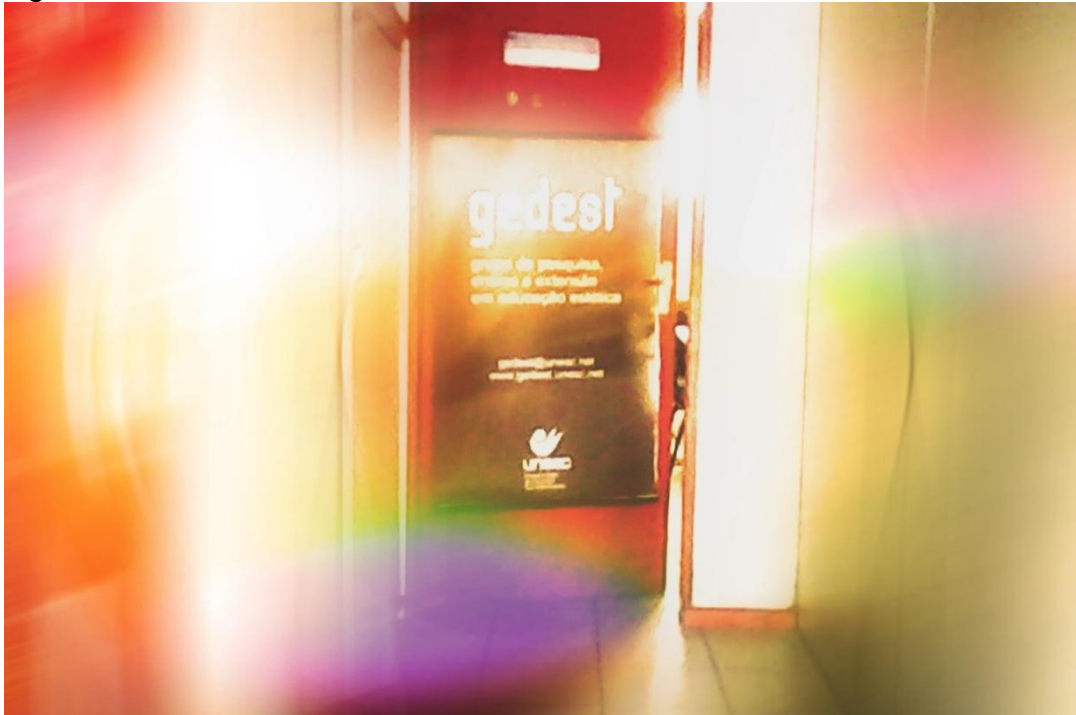
A sala do GEDEST localiza-se no bloco Z da universidade, onde se encontram os ateliês para as aulas práticas – os mundinhos; as salas da imaginação – acontecem diariamente reuniões e encontros de bolsistas, orientadores, entre outros viajantes que percorrem o campo da arte, que buscam desmitificar, com pesquisas e extensão universitária, essa educação por meio do sentir que é a educação estética.

Entrar hoje nessa sala pequena, que me proporcionou muitas respostas, não foi somente uma busca de materiais, mas sim um resgate de momentos, histórias, lembranças que me auxiliaram a desvendar conceitos, dúvidas, falas, em

³ Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação Estética – GEDEST – UNESC

um todo que os participantes dessa minha aventura vivida há alguns anos, trazem da oficina **que tinha como nome: Oficina de Arte e Expressão: refletindo valores para a vivencia da sexualidade.**

Figura 1 - GEDEST



Fonte: Acervo do Pesquisador

Todos esses documentos que recolhi, destinei boa parte de meu tempo analisando e me encantando com cada resultado que ia enxergando. Percebo com esse material o quanto é importante o registro dentro de uma ação extensionista, é a memória viva que carrega e conta cada passo dado, contendo todas as informações sobre o que aconteceu durante as atividades. Todo o material que é produzido dentro de um projeto de extensão universitária é valioso, e acredito que da mesma forma pela qual dediquei minha pesquisa baseada nesses registros, outras pesquisas – outros *exploradores de porquês* – podem apropriar-se desses documentos para realizar novas buscas.

Com esses documentos em mãos, inicio as análises desses dados, destacando nos recortes trazidos nos relatórios das metodologias da Oficina de arte e Expressão as seguintes categorias de análise: como esse projeto de extensão contribuiu na formação estética dos alunos e se essas experiências estéticas vividas por eles em meio as oficinas foram significativas dentro dos espaços não formais de

ensino que proporcionamos e atuamos.

3 ENSINO DA ARTE: UM SOBREVOO PELA EDUCAÇÃO ESTÉTICA

Impossível falar do sol e deixar de lado a chuva. Difícil sorrir sem lembrar-se de um momento de lágrima... E mais difícil ainda é pensar arte e não falar do sentir.

Não se lembrar da provocação. Do convite que recebemos ao manter contato com ela. Mas primeiro para sentirmos, sermos convidados e provocados, temos que compreender o que é essa experiência do sentir que é despertada em nós e porque tem tanta importância para nossa vivência.

Falar de arte ou tentar defini-la, até os tempos atuais, tornou-se algo inalcançável, devido a sua amplitude. É como tentar *contar todas as constelações, sem esquecer nem uma estrela*. Partindo da ideia de que a arte com o prolongar das idades foi se ampliando e sofrendo alterações, que relacionadas ao contexto de cada época, recebeu diversos conceitos, tornou-se mais difícil ter um conceito que consiga abraçá-la em sua plenitude.

Quando nos apropriamos dela, “[...] entramos em contato com o indelimitável, o impalpável, o difuso, mas nem por isso menos real. A arte faz-nos estranhar o que achávamos natural. Faz-nos considerar verossímil o que julgávamos absurdo” (PERISSÉ, 2009, p.59).

Perissé ainda coloca a arte “[...] como limiar de descobertas, como abertura para combinações novas, para a reinvenção da liberdade. A realidade aparece, mas transfigurada” (2009, p.59). Partindo desse ponto de vista, com a arte somos capazes de (des)construir tudo que há aqui nesse *planeta*⁴, de modo que o importante agora não são as formas, as cores ou traços existentes, mas o que se leva em consideração é a carga estética que eu agrego a essas características.

Dentro da arte, no processo de apreciação, esse conjunto de sensações se *igualava ao combustível que é colocado no avião*, que o impulsiona e o instiga a ganhar altitude. Na medida em que nos sentimos provocados a olhar, relacionando o que vemos com nosso repertório imagético, fazemos relações com o que já vivenciamos e com o que está diante de nós hoje. Para Dorflis⁵ (apud MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010, p. 118) “toda a nossa capacidade significativa,

⁴ Nesse contexto a palavra “Planeta” deve ser entendida com relação ao livro Pequeno Príncipe, onde, na história, o personagem explora pequenos mundinhos que existem na galáxia.

⁵ Gillo Dorflis, crítico de arte, pintor e filósofo italiano.

comunicativa e fruitiva é baseada em experiências vividas – por nós ou por outros antes de nós -, mas, de qualquer modo, feitas nossas” Sendo assim, quando o observador se encontra diretamente em contato com uma produção de arte “espontaneamente recorre à memória e, por meio dela, recria mentalmente a obra e continua a usufruí-la.” (COSTELLA, 2002, p.77).

Ainda nessa ótica aeronáutica, a obra de arte, o objeto artístico que recebe essa carga sensorial, é a *grande nave* que permite a nós espectadores, os *pilotos dessa máquina*, viajar pelo mundo da arte. Costella apoia, afirmando que com relação à obra de arte, há diálogo com o espectador:

A obra de arte toca também em algum ponto de nosso espírito que está além e acima dos sentimentos comuns de alegria, tristeza, ódio, amor, ira, etc. Tanto isso é verdade, que a mesma pessoa que chora durante a projeção de um filme triste, poderá sair do cinema com a paradoxal sensação de ter sido reconfortada, aliviada, feliz, caso o filme seja de forte conteúdo artístico. Essa aptidão demonstrada pela obra de arte, no sentido de enlevar, extasiar, enobrecer o espírito é fruto de seu valor estético. (COSTELLA, 2002, p.76)

Esse valor estético, presente nas obras de arte, nos objetos artísticos, precisa ser observado e sentido pelo professor de Artes de forma que ele aceite e realize o grande desafio que é educar por meio do sentir. *Ensinar quantos elefantes e jiboias existe pelo mundo*.

Quando mencionamos a importância do ensino da arte, tanto nos primeiros anos da educação infantil, quanto nos últimos graus do ensino regular, estamos diante de um apreender que se relaciona com o pensar/sentir do aluno. Perissé (2009, p.57) apoia que a “arte é vital para a criança, para o jovem, para o adulto. Pois é vital, para todos, conhecer e reconhecer no mundo e em nós mesmos a presença da criatividade”. Contudo, a educação estética por meio da arte “é vital, no contexto escolar, porque constitui uma forma de elaborar criativamente o que sabemos e sentimos, e de modo particular o que sentimos e não sabemos como definir e explicar” (idem).

Segundo o PCN (BRASIL, 1998, p.19), quando exploramos a educação em arte, estamos propiciando ao aluno o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que com isso:

[...] caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação,

tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

Martins, Picosque e Guerra (2010, p.120) apontam que para o aluno viver a experiência com a arte “é preciso abrir espaço para que possa desvelar o que pensa, sente e sabe, ampliando sua percepção de mundo mais rica e significativa”. Tendo em vista isto, é nas aulas de Artes que os espaços são abertos, *que as aeronaves ganham os céus e recebem a liberdade para voar*, “cada aula, como um jogo de aprender e ensinar, é um instante mágico. Requer preparação e coordenação especiais, de mãos trabalhadoras que tocam, que apontam, que escolhem contextos para o aprendiz tecer sua rede de significações” (p. 119). Esse enorme espaço é o lugar onde os sujeitos em formação conseguem se expressar e, por meio do desenho, da pintura, da música, da dança, do teatro, tornar visível a experiência sensível e afetiva que a educação estética proporciona.

A aprendizagem artística envolve, portanto, um conjunto de diferentes tipos de conhecimentos, que visam à criação de significações, exercitando fundamentalmente a constante possibilidade de transformação do ser humano. (BRASIL, 1996, p.32.)

Nesse contexto, nós, professores de Artes, temos como desafio e *roteiro de viagem*, ensinar as crianças, aos jovens e adultos o aprender a vivenciar experiências estéticas, isso significa ensinar o aprender a “pensar, imaginar, sentir, falar e mover-se em sintonia com os valores formadores e transformadores da literatura, da pintura, do cinema, do teatro, da música, etc” (PERISSÉ, 2009, p.78).

3.1 ATERRISSANDO EM ESPAÇOS FORMAIS E NÃO FORMAIS

Senta. Silêncio, conversas paralelas. Paredes iguais e mesas enfileiradas com pó de giz no chão. Bem vindo aos espaços de ensino regular.

Assim foi uma considerável parte de minha vida estudantil, e provavelmente ainda é a realidade de muitos outros sujeitos que frequentam os espaços formais de ensino. O que me preocupou e chamou atenção durante as oficinas em que fui *Prô de Artes*, foi que os jovens *falavam* comigo, sentiam-se ouvidos, algo que, segundo os relatos dos mesmos, não acontecia no horário de aula regular por estarem dentro de uma sala com um número significativo de alunos.

Percebi que quando eram *passageiros em meu avião*, diferente do que ocorria na sala, onde passavam o período de aula, voavam sem limites, desvelando por meio das distintas linguagens artísticas seus sonhos, medos e curiosidades.

Por um longo período de tempo o ensino tradicional se fez presente nas escolas, acabando por engessar os alunos e os métodos utilizados em sala de aula. Durante o prolongar dos anos, a voz de comando, o comandante dos saberes e o cumprir das matérias no quadro negro, era tarefa do professor, não havendo espaço para os alunos expressarem suas opiniões, fazendo com que desacreditassem que os mesmos poderiam contribuir de alguma forma para a formação do professor, e dos colegas que ali junto estavam.

Segundo Perrisé (2009, p.78):

[...] deveríamos estar a caminho, de uma sala de aula democrática, na qual a autoridade do professor baseia-se num acordo tácito que define quem exerce o papel de narrador principal (sem excluir a co-autoria) e quem são os ouvintes (sem excluí-los do direito a dialogar, participar, intervir, contribuir).

Segundo o autor, temos que defender no interior da escola uma “democracia das emoções” (idem). Possibilitar aos alunos o direito à fala, que acontece de distintas formas, e por meio da arte, criamos possibilidades para isso.

Nesse campo da educação em arte, existem linguagens artísticas que servem de idiomas para a comunicação expressiva dos alunos. Quando dialogamos sobre o termo linguagem, estamos falando de métodos que traduzam, tornem visível e expressem aquilo que está escondido lá dentro de nós. *É como o piloto e o som do avião: para o motorista aquele ruído sonoro é a comunicação entre ele e a máquina. O modo como o avião canta, é a linguagem, sendo o caso de haver alguma alteração nesse som, falha de algum mecanismo que seja, o próprio avião pedirá auxílio ao homem, e o último saberá que há algo errado.*

Isso dificilmente ocorre no espaço regular de ensino, onde a voz de cada aluno não é ouvida. A preocupação dos professores em dar conta dos conteúdos que são estipulados, acaba por consumir grande parte do tempo, diminuindo o número de momentos que poderiam ser utilizados para escutar o aluno.

Assim, da mesma forma que existem pessoas que falam bem em público, existem aquelas que se comunicam mais efetivamente com o uso da escrita. Com a arte funciona da mesma forma, como um idioma a mais que o aluno pode apropriar-

se para se expressar. Vasconcellos (2006) nos diz que na arte essas linguagens artísticas, que seriam para nós *o som do motor do avião*, é o que nos auxilia no processo de visibilidade, de revelar ao mundo o que queremos dizer, sendo que a forma desse falar *poderá* “ser estática como o desenho, a pintura e a escultura ou pode ser dinâmica como a dança, o teatro e o cinema” (p.41).

Relacionando os espaços formais, como as salas de aulas de ensino regular; e os não formais, como as oficinas de artes; a expressão dessas ideias que estão *interiorizadas* nos alunos ocorrerá muito mais efetivamente nos espaços não formais de ensino. Porém, é errôneo pensar que dentro dos espaços regulares de ensino não haja interação e que os alunos não consigam dialogar com professores e colegas.

A característica principal dessas oficinas é o dinamismo e o espaço que a mesma proporciona ao sujeito participante, para que os mesmos expressem e vivenciem suas experiências estéticas de forma mais intensa, preocupando-se diferentemente do meio escolar sem notas e avaliações quantitativas, com sua produção artística livre para dizer e pensar.

Temos que ver a arte como óculos que colocamos para não somente ver as coisas, mas enxergar melhor tudo o que nos rodeia. Perissé (2009, p. 59) complementa dizendo que essa “tal percepção não se faz mediante o acúmulo de informações objetivas, vendo o visível, medindo o mensurável, tocando o tangível e delimitando o delimitável”, o que descreve grande parte do ensino regular, onde esse acúmulo de informações é despejado nos alunos.

Ainda nessa relação espaço formal e não formal, podemos comparar as características das oficinas com a arte conceitual. No livro “Tudo Sobre Arte”, de Stephen Farthing, podemos concluir que essa arte “era uma inversão das práticas anteriores e que trazia o conceito para primeiro plano, tornando a produção da própria arte algo secundário” (2011, p. 500). Ou seja, é dar à produção um valor poético muito maior, desprendendo-se das formas visuais que o trabalho apresenta. Materiais, técnicas e medidas passam a não ser mais suficientes, ficando em segundo lugar. Ainda nesse sentido, é isso que falta nos espaços formais, o rompimento de aparências e a atenção mais refinada aos alunos.

3.2 EXPLORANDO NOVOS HORIZONTES: ESPAÇO NÃO FORMAL EM ÁREAS REGULARES DE ENSINO

Dentro dos muros da escola, em uma das salas em que aconteciam as aulas no período matutino, realizávamos todas as tardes de sexta feira nossos encontros semanais. Utilizávamos aquele espaço como *pista de voo*. *Decolávamos* e explorávamos por meio das múltiplas linguagens da arte os assuntos que faziam parte do foco principal da oficina, a sexualidade.

Grande parte dos nossos encontros ocorreu nesta sala, onde, no turno da manhã os alunos tinham aula regularmente. Fora do horário de aula, traçávamos dinâmicas metodológicas que melhor dessem voz aos alunos, trazendo para cada encontro um novo desafio.

No início dos encontros havia uma pequena agitação, pois propúnhamos que sentassem no chão, mais próximos a nós bolsistas, afinal era um espaço não formal de ensino, mas a agitação era logo contida. Antes de iniciar cada uma de nossas propostas de atividades, juntamente com os alunos reorganizávamos a sala, abrindo espaço ao centro da mesma para que sentássemos ali. Lembro-me que ao fim de cada encontro, minutos antes de liberar os alunos para voltarem para casa, retornávamos a colocar as carteiras na posição tradicional, enfileiradas, como havíamos encontrado quando entramos no espaço. Cada vez que recolocávamos as mesas no lugar, era como se sinalizássemos que o *avião* estava *aterrissando* e o encontro chegando ao fim. O reorganizar da sala foi pedido da direção da instituição, onde segundo a secretária, pelo fato de ser uma escola, teríamos que mantê-la organizada e arrumada.

Pelo fato de estarmos em uma sala de aula situada em uma escola, espaço formal de educação, logo no primeiro momento notamos a forma com que se organiza as carteiras. Esta organização é representada com as carteiras enfileiradas uma a uma, viradas de frente para o quadro. Deste modo, percebe-se que a atenção do aluno tem que se voltar unicamente a quem está diante dele, nesse caso o professor. Essa organização, nesse espaço, acaba por afastar os alunos de seus colegas, não fisicamente, mas limitando a interação e as possíveis trocas de saberes que os mesmos carregam consigo. Era justamente essa a nossa proposta quando pensamos em realizar a pesquisa por meio de uma oficina extracurricular: propiciar a interação entre os alunos, de modo que esses jovens conseguissem falar

abertamente conosco, relacionando o foco das metodologias com a sexualidade.

Para Perissé (2010, p.59) “a arte, expressiva e comunicativa, inquietadora [...] atua como espaço de jogo, como limiar de descobertas, como abertura para combinações novas, para a reinvenção da liberdade” e isso ocorrerá com maior dificuldade em espaços que não se permita a troca de experiências.

Para que esses diálogos ocorressem, por meio de produções plásticas e visuais, precisávamos manter o máximo de contato possível, pois somente dessa forma ganharíamos a confiança deles, deixando-os à vontade para se expressarem dentro das múltiplas linguagens da arte.

Esse montar e remontar a sala, o uso dos materiais diversificados e as propostas metodológicas, transformaram aquele espaço na nossa *nave espacial*, que serviu de asas aos alunos e onde conseguimos mostrar aos jovens como a arte pode nos contar segredos.

4 CONEXÕES AÉREAS: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A PRÁTICA DOS SABERES

Durante esses dois (2011 e 2012) anos de pesquisa e prática do projeto de extensão Oficina de Arte e Expressão: Refletindo valores para vivência da sexualidade, percebo o quanto essa experiência foi significativa para minha formação. Todo esse processo de aprender e ensinar que vivi lá nos primeiros semestres de curso foi o que me fez/faz hoje, carregando segurança no que faço. É como pensar em um avião, um piloto e muitos passageiros abordo da máquina: será que o motorista da nave se arriscaria tentando tirar o avião do solo, se não tivesse nem uma experiência, treinamento, informação de como comandar a aeronave?

Quando falamos em extensão universitária, estamos nos referindo a um aprender em meio à prática, onde temos um porquê, uma porta que precisamos destrancar, e a chave para isso está nas competências que o espaço acadêmico nos ensina.

Segundo minha primeira pesquisa, que resultou em um artigo científico (BRASIL 1996 apud BAUMER et al. 2012), a extensão universitária “visa, como um dos principais objetivos, pesquisar as eventuais necessidades geradas por problematizações enfrentadas no meio social e encontrar formas acadêmicas de auxiliar no processo de resolução” e ainda como afirma o Artigo 43 da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), sobre a função da extensão universitária concluímos que também tem como seu objetivo central “[...] VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade”.

Essas portas até então travadas, se encontram na sociedade que vivemos, ou seja, nós acadêmicos, além de nos aprimorarmos em nossos saberes, contribuimos para a melhoria e auxiliamos na solução de problemáticas existentes no contexto social.

Em meio a essa oportunidade de ampliar meus conhecimentos, pude juntamente com a coordenadora da pesquisa e do projeto de extensão do qual participei, escrever meu primeiro artigo científico, que apresentou minha vivência nessa atividade extensionista. Foi a partir dessa escrita, ao final de todo o processo de pesquisa e aplicação de metodologias, que me vi oficialmente

pesquisador/explorador, seguro e capaz de planejar viagens e propor desafios aos meus alunos *passageiros*.

Apreendi com a experiência de escrita e reflexão do artigo que a extensão tem como roteiro final “pesquisar eventuais necessidades geradas por problematizações enfrentadas no meio social e encontrar formas acadêmicas de auxiliar no processo de resolução” (BAUMER et al, 2012, p.134)⁶. A extensão universitária é o rompimento com o pré-conceito de que os saberes se encontram somente dentro dos muros da instituição. Segundo artigo⁷ publicado no jornal “A Tribuna”, por Gildo Volpato⁸ (2012), consideramos extensão universitária “todas as ações que a universidade faz no sentido de estabelecer uma via de mão dupla com a comunidade”, onde conhecimentos são socializados, havendo interação entre o contexto no qual se insere a problemática, e os acadêmicos extensionistas. Ainda dialogando sobre essa atividade, Volpato afirma que por meio dessa prática os acadêmicos vão “aprendendo e intervindo nos reais problemas da sociedade”.

O acadêmico/educador que sou hoje é reflexo das vivências que tive com a extensão universitária, muito dos desafios que enfrento atualmente dentro da sala de aula, pude relacionar com as práticas que as atividades extensionistas me proporcionaram. Me apoio agora nas conversas esclarecedoras que tive com os outros bolsistas, que junto comigo participavam do projeto e principalmente nas orientações que recebi pela coordenadora da oficina.

4.1 UMA PAUSA PARA LEMBRANÇAS: O COMBUSTÍVEL DESSA VIAGEM

As experiências, as emoções e vivências que tanto eu, quanto os alunos que *jornadearam* comigo, em momento algum poderão ser medidas. As falas que trouxeram nos momentos durante as atividades na oficina, que estão registradas nos relatórios semanais que eram feitos pelos bolsistas, aos poucos foram esclarecendo minha problemática principal. Entretanto, as fotos e as produções elaboradas pelos jovens, falaram e falam muito mais do que os próprios relatórios documentais que pesquisei durante minha coleta de dados.

Durante a aplicação das metodologias que aconteciam semanalmente nos espaços da escola, ou nos ateliês dentro do campus da universidade, os jovens

⁶ Disponível em: <<http://revistaelectronica.unicruz.edu.br/index.php/Cataventos/article/view/135/125>>

⁷ Disponível em: <<http://www.tribunanet.com/artigo/a-extensao-universitaria-e-as-possibilidades-de-articulacao-com-o-ensino-e-a-pesquisa-1-80382>>

⁸ Atual Reitor da UNESC giv@unesc.net

viam a possibilidade por meio de experiências estéticas, refletir sobre os assuntos que se faziam presentes, de acordo com a faixa etária que estavam vivenciando. Namoro, amizade, amor, saúde e família, e por fim, a sexualidade em geral, foram pontos que marcaram presença em grande parte das práticas desenvolvidas no percurso do projeto.

Todo o movimento da oficina dispunha de estudos e orientações semanais que antecediam os encontros, onde eu e as outras três bolsistas - duas do curso de Artes Visuais e uma de Pedagogia -, planejávamos as dinâmicas e definíamos quais eram as melhores linguagens artísticas, que nos apropriaríamos para a abordagem do assunto que traríamos aos alunos na próxima semana.

Partindo das primeiras às últimas produções que os alunos realizaram, consegui relacioná-las e perceber o crescer dos estudantes em meio às experimentações estéticas. Nos primeiros encontros essas experiências eram reveladas de forma muito subjetiva, mas ao final do último ano de projeto extensão, cantavam aos nossos ouvidos.

Lembro-me que em certo momento, bem no início do projeto, logo após voltarmos, a outra bolsista e eu, dos encontros que aconteciam em sua maioria nas escolas, recorriamos à professora Édina⁹ desesperados por não termos resultados que mostrassem o retorno das propostas que levávamos aos encontros. Essa dúvida, o não saber se esse meu porquê estava tendo resposta, me deixava inseguro. Acreditava que a partir dessas pequenas respostas que apareceriam aos poucos, conseguiria ir notando se estava ou não conseguindo dar conta do meu papel ali naquela experiência de pesquisa fora do espaço acadêmico.

Para nos acalmar e nos fazer entender melhor esse processo de pesquisa e resposta, a professora Édina nos sugeriu que participássemos de uma metodologia que ela desenvolveria conosco. Nessa situação seríamos alunos e segundo as orientações da professora, ela trabalharia da mesma forma como fazíamos com os jovens que participavam da oficina, por meio de uma metodologia que se apropriasse de uma das linguagens artísticas e que teria como foco o tema sexualidade.

⁹ Édina Regina Baumer, professora do curso de licenciatura em Artes Visuais e coordenadora do projeto de extensão universitária trazido nessa pesquisa.

Na sala pequenina onde funcionava a antiga coordenação do curso de Artes Visuais, sentamos em frente à professora e ela nos deu duas folhas, tamanho A4, e pediu para que escutássemos uma música que estava em alta e no contexto em que os nossos alunos estavam inseridos, Lê Lê Lê de João Neto e Frederico¹⁰.

Segundo o que aprendemos nas aulas de musicalização, ouvir e escutar são ações distintas, em que a primeira fazemos sem prestar atenção e a segunda nos concentramos nos sons que estamos em contato. Colocada a música, prestamos muita atenção na letra da mesma como nos foi orientado. Ao fim da melodia, Édina nos diz para que naquele suporte, folha sulfite em tamanho A4, realizássemos uma produção plástica que contasse a ela o que havíamos sentido com aquela letra; e se em nossa vida funcionaria a ideia de amor da mesma forma como era trazida na produção sonora.

Tivemos alguns minutos para realizar a atividade, onde usamos recortes de revista e desenhos feitos por nós para mostrarmos nosso entender segundo a música. Minha produção e a da minha companheira de oficina ficaram muito próximas, não em composição e uso das formas, mas em poética e interpretação do que havíamos escutado.

Ambos, mesmo utilizando formas, imagens e desenhos diferentes, mostramos à Édina que, ao nosso compreender, a música falava de um apaixonado que não tinha condições financeiras para namorar com a jovem, que ao contrário dele, tinha uma situação financeira estável. No decorrer da letra ele conta que não tem dinheiro, fama ou carro, mas que sabe fazer o “Lê Lê Lê”. Entendemos esse Lê Lê Lê como sendo o amor que ele queria dar a ela, que ele não possuía bens financeiros, mas que havia muito amor para lhe dar.

Lembro que Édina sorriu levemente com os lábios, daquele jeito misterioso que só ela tem, como se tivesse conseguido alcançar o objetivo que buscava com aquela proposta. Em seguida nos questionou se esse Lê Lê Lê é suficiente para dar conta de uma relação, e que somente o amor alimentaria uma vida juntos.

Ambos, a bolsista e eu, respondemos que não, pois além do sentimento que poderiam nutrir um pelo outro, precisariam ter o mínimo de base para sustentarem-se financeiramente. Édina agora sorrindo mais largo, nos falando que

¹⁰ Dupla de cantores adeptos ao gênero musical sertanejo universitário. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/joao-neto-frederico/le-le-le.html>

era nesse fim que esperava chegar, e finaliza nos perguntando se aquela metodologia trouxe uma resposta ou não. Nós três nos olhamos e entendemos o recado.

Foi a partir dessa lembrança que compreendi como funcionam as pesquisas e suas respostas. Nem sempre temos em mãos *porquês* que se apresentam de forma clara, ainda mais quando tratamos da educação por meio da estética, onde ali, em conjunto com a arte, temos que enxergar a fundo a subjetividade que se encontra em uma produção artística. Quando, na lembrança que trago acima, a professora nos fez os questionamentos, pedindo para *falarmos*, utilizando a linguagem plástica, não nos damos conta do quanto a produção poderia falar. Meio que esquecemos que o *essencial só se vê bem com o coração*, havíamos deixado de lado o olhar de criança e estávamos *vendo somente os chapéus* e não mais as *jiboias e os elefantes*.

Essa experiência proporcionada pela professora Édina nos mostrou que essas metodologias que trabalhamos com os alunos, poderiam ter o mesmo significado que tiveram conosco. Não digo ter a mesma visão, mesmo olhar que nós, mas o modo como paramos para interpretar e refletir sobre o tema trazido na metodologia.

Quando falamos dessas metodologias, não podemos considerar que todos os alunos compreendam da mesma forma, tenham uma mesma resposta para todos. A arte é bela justamente por ser tão ampla e não nos permitiria olhar uma produção artística e sentir a mesma sensação que o outro observador sentiu. Cada sujeito é tocado de uma forma única, e é tocado justamente aonde se deixa ser atingido. Por isso arte e as experiências estéticas vivem lado a lado, esse conjunto de sensações que toca a quem está diante de uma produção de arte, é exclusivamente relacionado com o que cada um vivenciou e está vivenciando. Experiências essas que são guardadas na *bagagem* que cada *piloto* carrega consigo, das inúmeras *viagens* que fez – e ainda fará – em sua vida e que por estarem ali guardadas, esperam o momento certo para serem revividas, despertadas e sentidas, na medida em que encontra outra experiência estética.

Em nosso caso, a bolsista e eu, inseguros com as propostas que estávamos aplicando, esperávamos receber as respostas muito rapidamente e de forma bem objetiva, e não estava acontecendo isso. Com essa dinâmica trazida pela coordenadora do projeto, conseguimos encontrar a segurança que faltava e

perceber o quanto os alunos estavam falando e não nos dávamos conta disso.

A partir desse momento nossos olhos foram limpos, e cada detalhe que se apresentou durante as atividades que realizávamos nos encontros era recebido de forma muito mais significativa, pois eram as respostas chegando em uma voz muito mais alta.

Essa experiência é um fator que exemplifica como a extensão universitária auxilia no processo de formação acadêmica. Por estarmos ainda em processo de aprendizagem no ambiente acadêmico, teríamos ainda muito que aprender, e ali, diante dessas problemáticas, aprendemos na prática, na vivência, como agir diante daquela situação que iríamos nos defrontar quando formados.

A extensão é uma aliada na formação acadêmica que recebemos dentro da instituição, onde os conhecimentos que nos apropriamos em sala são reforçados pela atuação e prática. Por que isso é extensão universitária, é aliar o aprender das salas de aulas, unido à prática e a o contato direto na realidade social, onde acadêmico, escola e universidade dialogam e crescem em conjunto.

5 SOLUCIONANDO PORQUÊS: AVERIGUANDO DESTINOS

Retomar a vivência de dois anos atrás, ler os relatórios, rir e me emocionar com as falas dos alunos, relacionadas com as metodologias da oficina, é como se eu me transportasse para a sala em que realizávamos as atividades e fosse possível sentir o cheiro daquela aventura.

Enquanto lia e relia os registros da oficina, fui percebendo o quanto a extensão universitária contribuiu na formação desses alunos. Desde o modo como utilizavam a fala, até a maneira como viam seu corpo. Agora, com mais calma e foco nos relatórios, consigo identificar cada ponto positivo que ajudei a propiciar àquele contexto.

Todas as metodologias que desenvolvíamos, eram voltadas mesmo que indiretamente, para a sexualidade. Por meio dessas dinâmicas, dentro das linguagens da arte, íamos aos poucos alcançando nossos objetivos: proporcionar aos alunos experiências estéticas, momentos que dessem conta de esclarecer, desconstruir, refletir para a vivência de uma adolescência saudável, onde a sexualidade não fosse mal interpretada e laços como família e amizade fossem fortalecidos.

Entre essa busca de *porquês*, destaquei algumas respostas que me ajudaram a *destrancar as portas* dessa pesquisa. Para entendermos melhor a oficina em que participei como bolsista e pesquisador, trago nesse capítulo recortes de falas e narrativas, presentes principalmente nos relatórios que observei. Diferencio esses fragmentos coletados destacando-os em formato negrito, para melhor compreensão do leitor. Cuido em dizer que no momento de coletar os dados nos relatórios, tive dificuldade em encontrar as respostas dessa *viagem exploratória*. Por ser um projeto com mais de um bolsista, os relatos saíram muito diferentes uns dos outros. As escritas utilizadas nesses documentos foram realizadas ora em forma de narrativa, criadas por mim pesquisador, ora somente na voz do bolsista da oficina em questão.

Trago agora um breve recorte do que, sem percebermos naqueles anos, se repete em grande parte dos relatórios dos encontros que realizávamos:

Primeiramente pedi que todos se sentassem no centro da sala, trazendo o grupo de alunos mais para perto, onde começamos a conversar sobre o encontro. (Bolsista do Projeto)

Nessa fala acima, conto que no início da oficina, antes de começarmos qualquer atividade chamávamos os alunos para mais perto de nós. A cada encontro os jovens estavam sempre espalhados pela sala, como se estivessem com receio da nossa presença, inseguros, com medo de nos deixar cativá-los. Tínhamos que quase todo começo de oficina chamá-los para mais perto, e acredito que esse foi um ponto que fortaleceu nossos encontros: a aproximação que propiciávamos, o contato que mantínhamos com eles, ao ponto de fazer sentirem-se seguros para falar, não só verbalmente, mas por meio dos idiomas que a arte nos possibilita. Segundo Pillotto (2001, p.101) “é na arte que se encontra solo fértil para germinar a semente da criatividade, semente que é inerente a todas as pessoas, mas que precisa ser desenvolvida”, e esse era - e ainda é - nosso papel como educador, abrir espaços para que em nossas aulas os alunos consigam por meio da educação estética, falar e se expressar, compartilhar com o mundo tudo o que carregam em sua bagagem.

Esse chamar que fazíamos ao início dos encontros, era como se fosse o piloto anunciando aos passageiros que estavam a bordo, acomodando-se no avião, a partida para mais uma viagem aventureira. Nessas viagens as malas que esses passageiros carregavam em seu colo por todo o percurso, eram abarrotadas de lembranças que a todo instante, mesmo sem se dar conta, os jovens aventureiros deixavam cair da sua bagagem. Em todas as produções, fossem elas plásticas ou dinâmicas, como o teatro e a música, sempre mostravam uma ligação forte com a família ou com o contexto onde os jovens estavam inseridos.

Aqui as portas começaram a ser destrancadas, revelando que por trás delas está a solução dos meus porquês. Da problemática central dessa pesquisa, onde busco saber o que dizem os e as adolescentes do projeto de extensão universitária sobre as experiências estéticas vivenciadas nas oficinas de arte expressão, desdobrei esse meu ponto de interrogação em três categorias de análise que se fizeram necessárias e que nortearam minhas buscas.

5.1 MALAS FEITAS: A CONTRIBUIÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO ESTÉTICA DO SUJEITO

Em todas as *viagens* que fizemos com esse projeto extensionista, de acordo com os relatórios e vídeos que analisei, percebo gradativamente o progresso

que alcançamos juntamente com os alunos, a cada encontro semanal que realizamos. Sempre discutíamos maneiras diferentes de abordar o tema central do projeto – reflexão para a vivência da sexualidade –, de modo que os jovens conseguissem experimentar uma vivência estética mais efetiva e prazerosa.

Durante os encontros, trazíamos imagens de obras, poemas, músicas, para que antes de qualquer atividade, todos apreciassem e realizassem sua leitura sobre aquela determinada produção. Veremos isso com o recorte que trago de um dos relatórios analisados, onde apresentamos no encontro um poema que buscamos na internet com o nome Adolescência¹¹, e percebemos o contexto dos alunos, a experiência estética e a arte caminhando juntas.

Começamos a conversa sobre o que seria adolescência para eles, um tanto quanto envergonhados, alguns responderam que era proibição, rebeldia, paixão. Como estavam muito agitados, mal dava de manter um diálogo, então lemos um poema chamado “Adolescência” que falava desta fase tão complexa e ao mesmo tempo belíssima.

Todos concordaram com o que o poema dizia, falaram que era exatamente o que estava escrito, e desta vez um pouco menos distraídos e mais concentrados, começaram a relatar que a adolescência era uma fase de mudanças, onde eram limitados por seus pais a fazerem algumas coisas; que o corpo começa a se desenvolver, criando peitos, pernas, pelos... Enfim, a conversa foi indo e quando percebemos, eles estavam mais interessados em falar sobre seus sentimentos, suas revoltas, casos que aconteceram e que acontecem com eles.

Por meio do poema que trouxemos para aquele encontro, conseguimos perceber a relação de sentimentos, vivências que os alunos revelaram para nós bolsistas. O poema nessa visão foi o que desencadeou, despertou a experiência estética que precisávamos para conseguir dialogar com os jovens, os mesmos ouviram a bolsista do projeto declamar o poema, acompanharam cada estrofe e se identificaram com aquela produção. Com base nessa vivência, sobre a experiência estética que os alunos experimentaram, Perissé (2009, p.36) nos ensina que temos

¹¹ADOLESCÊNCIA. Disponível em: <http://www.bilibio.com.br/poema/719/Adolescencia.html>. Acesso em: 06 de Nov. de 2013.

que “pensar a experiência estética não tanto ou não só pela ótica do prazer e da distração ou entretenimento, mas como fonte de descobertas existenciais, de aprendizado”, exatamente como aconteceu naquela tarde de projeto. Por meio das palavras do poema, sentiram-se tocados, libertos para relatar suas angústias, mas também conseguiram perceber que aqueles sentimentos, em geral, são característicos da fase que estavam vivenciando e que todos ali estavam passando pelos mesmos desafios e dificuldades.

Com esse diálogo, essa interação que os alunos realizaram houve um momento de troca entre eles, onde com a experiência trazida pelos outros, cada sujeito foi vendo as formas de enfrentar aquelas emoções, ampliando seu campo de visão diante daquela experiência, que segundo Perissé (2009, p.27) temos que estar preparados e abertos para essa troca de experiência.

Para apreciar e avaliar a beleza que há no mundo, ou numa obra de arte, ou no rosto de uma pessoa, ou na ação que alguém realize, ou num eletrodoméstico... Não basta ter olhos para ver [...] É preciso possuir adequada disposição interior para apreciar e avaliar melhor, para interpretar melhor o que vemos/ouvimos. Essa disposição se liga a educação estética

Dessa forma, os alunos começaram a ter uma percepção diferente da que tinham antes, ampliando não somente seu repertório artístico por meio da poesia, mas também sua compreensão sobre os sentimentos e vivências que carregavam consigo. Quando relacionamos o poema com o contexto em que estavam vivendo, conseguimos fazer com que eles se abrissem e se mostrassem dispostos a viver essas experiências.

Em outro recorte, trago uma experiência semelhante à citada acima, onde dessa vez levamos aos alunos a imagem de uma pintura e por meio de leitura visual e apreciação percebemos como o olhar dos jovens aos poucos foi se modificando.

Após entrarmos na sala e distribuirmos as autorizações do próximo encontro, lhes apresentamos a imagem da obra de Bouguereau¹² “Il primo bacio”. Primeiramente deixamos claro que não iríamos dizer o nome da obra e nem o artista que a pintou, e que os alunos deveriam fazer uma leitura silenciosa da imagem, que neste momento foi colocada em um pilar da sala.

¹²Professor e pintor acadêmico francês, que se consolidou no período Academicismo.

No momento em que os adolescentes iam olhando para a imagem, surgiram risadinhas e definições sobre o que estavam vendo e começamos então a conversar com eles sobre o que viram.

Deixamos para contar aos alunos o nome e o artista da obra por último, para não haver nem uma interferência no momento em que os integrantes fizessem a leitura visual da imagem, pois quando dissemos o nome da obra, podamos a ação de imaginar que os alunos carregam consigo, como se disséssemos a resposta para aquela interpretação impedindo de criar outros caminhos, outro modo diferente de perceber a obra.

O nome de uma produção diz muito sobre a mesma, da mesma forma como o nome de um artista também nos conta como são as características do seu fazer arte, e nesse momento queríamos que os jovens trouxessem a nós a sua visão sobre aquela imagem, relacionando com o seu contexto, porque isso é apreciar, é ver e relacionar as suas vivências com o que está em nossa frente, nesse caso uma produção artística, e essa ação faz parte da arte. Perissé (2009, p.36) complementa nos dizendo que:

A arte educa na medida em que, atraindo nossa visão, encantando nossa audição, agindo sobre nossa imaginação, dialoga com a nossa consciência. Mais do que nos fazer reagir à melodia, à rima, à composição pictórica, às cenas do filme, esses estímulos que nos chegam pela arte criam um espaço de liberdade, de beleza, no qual nos sentimos convidados a agir criativamente.

Esse agir criativamente e esse diálogo que Perissé apresenta, não são somente as atividades que propomos aos alunos, mas sim os espaços que criamos para que junto de nós eles consigam imaginar e sentirem-se livres para expressar-se, que, por exemplo, podem ser por meio de uma apreciação ou leitura visual.

Eles logo definiram que na imagem era clara a presença de um menino e uma menina com asas de borboleta se beijando, depois disseram que era o céu, alguns inclusive disseram acreditar ser um sonho do artista, um sonho com os “anjinhos”.

Nessa leitura inicial que os alunos fizeram, fomos conseguindo perceber

como estava a percepção deles e até onde a imaginação seria instigada com essa imagem. Se tivéssemos trazido à turma o nome dessa produção, perderíamos toda essa dimensão, esse *voar* e essa ação imaginativa que os alunos nos trouxeram com essa atividade. Dessa forma, conseguimos ir identificando os pequenos passos que foram dados na formação do repertório estético.

Percebe-se que a leitura que foi feita ultrapassou o olhar superficial, apenas dos objetos que estavam presentes na imagem. Quando o aluno diz que há a possibilidade de ser um sonho do artista, nos traz uma interpretação mais aberta e própria. Meu olhar para a imagem de Bouguereau também remete a uma sensação de leveza, por suas cores claras e tons pastel, me lembram um sonho, mas para enxergar essas características necessitamos de um olhar mais atencioso para que a obra consiga nos contar seus segredos.

Com isso, analisamos que havíamos conseguido alcançar nosso objetivo inicial com essa proposta metodológica, que além de propiciar uma nova experiência, com uma obra desconhecida pela turma, buscávamos proporcionar espaços para que houvesse a ampliação na formação estética dos jovens participantes da oficina.

Ainda analisando esse recorte, trago a continuação breve desse relato, onde as bolsistas e eu instigamos mais um pouco a percepção dos alunos.

Em seguida, direcionamos a conversa para o que o artista queria passar com esta imagem, predominando nas definições dos alunos as palavras amor e carinho.

Pelo fato de na obra “Il primo bacio”, o menino estar beijando o rosto da menina, os alunos perceberam essa ação como forma de demonstração de amor e carinho, ou seja, que o artista queria passar um gesto afetuoso. No início, quando trouxemos essa imagem aos alunos, houve risinhos e brincadeiras com certa malícia pelo fato de os dois personagens estarem nus, entretanto, quando fomos mais a fundo nas leituras e apreciações, o riso foi se dispersando, e os risinhos da turma foram prestando mais atenção no que nós bolsistas e os seus colegas iam vendo na imagem.

Percebo com isso que com o olhar, com as diversas leituras da imagem, pudemos propiciar aos jovens novas compreensões e pontos de vista. Ao final da

leitura visual lembro-me de um momento que não está presente no relatório, mas que se mostrou forte entre minhas lembranças, onde todos começaram a enxergar e a relacionar que anjos são puros e que não tem malícia, por isso podem andar sem roupa.

Essa percepção é a prova de que o repertório e a formação estética dos alunos nessa ação extensionista, no projeto oficina de Arte Expressão: refletindo para a vivência da sexualidade, foi aos poucos ganhando novas dimensões e que os alunos a cada *viagem exploratória* que participavam, ganhavam um pouquinho mais de poesia em seus olhos, sendo capazes agora de compreender o mundo de uma forma mais colorida e poética.

5.2 EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS: HORIZONTES SIGNIFICATIVOS EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE ENSINO

Um dos momentos mais mágicos para mim e principalmente para os alunos da oficina de arte e expressão aconteceu no dia em que realizamos um circuito de atividades artísticas no campus da universidade¹³, ou seja, oficinas dentro da oficina, mais especificamente, distribuída no ateliê de pintura, sala de teatro e mediação feita por duas bolsistas do Museu da Infância¹⁴. Um conjunto de atividades em que os resultados, segundo a análise dos relatórios, mostraram-se os mais significativos durante os dois anos de projeto (2011, 2012), onde as experiências estéticas apresentaram-se mais intensas dentro do espaço não formal de ensino que desenvolvemos.

Esse circuito de atividades proporcionou aos jovens uma experimentação mais efetiva em meio às linguagens da arte, onde respectivamente nos ateliês aconteciam dinâmicas na área de experimentação e criação de pigmentos naturais, musicalização e por fim o resgate de brincadeiras infantis com a mediação do Museu da Infância. O tema desse evento que realizamos era: A natureza tem corpo, cor e som. “Os objetivos foram a integração dos adolescentes das três escolas¹⁵ envolvidas no projeto e a reflexão sobre o fato de que somos parte da natureza e se

¹³Refere-se à UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

¹⁴O Museu da Infância é um espaço promotor da apropriação e produção culturais infantis, fundado no ano de 2005 na Unesc.

¹⁵ Três escolas participantes do projeto: EEB Pascoal Meller, EEB Oswaldo Hulse, EEB Érico Nonnenmacher.

precisamos cuidar da natureza, devemos começar cuidando do nosso corpo” (BAUMER et al, 2012, p.148).

Foi uma vivência bastante agradável, onde vimos todos muito compenetrados nas atividades. Reunimos nesse dia, no campus da UNESCO, fora do espaço escolar, as três escolas nas quais atuávamos naquele ano, dividindo os alunos simultaneamente em três pequenos grupos. Cada um participou de uma oficina que evidenciava uma linguagem artística, havendo um rodízio após o término de cada uma, permitindo a todos os grupos participarem de todas as micro-oficinas.

Um dos relatos que se destacou durante essa atividade, ocorre quando duas alunas do projeto respondem questionamentos abordados após a experimentação das tintas confeccionadas artesanalmente. Com a tinta já pronta, orientamos os alunos que iniciassem a pintura, entretanto usariam como suporte para a pintura somente seu corpo, mais especificamente os dedos e as mãos. Ao fim das produções artísticas, conversamos com os alunos sobre a experiência que vivenciamos:

_ Então pessoal, agora que vocês já experimentaram esse novo meio pictórico, eu pergunto se algum dia já haviam pensado nesses elementos como forma de produzir arte... (acadêmico extensionista)

_ Eu sempre pensei que as têmperas fossem só as tintas guaches que compramos (participante 2).

_ Nunca imaginei que poderíamos tirar de ovo uma base para fazer tinta, só sabia que era usado para fazer bolo (participante 6).

Figura 2 – Circuito de Oficinas “A Natureza tem corpo, cor e som” – Oficina de Pigmentos Naturais - 2011



Fonte: Acervo do pesquisador

Esse experimentar, explorar novas possibilidades, ver o corpo como suporte para a produção e expressão artística, trouxe aos jovens daquelas turmas uma vivência bastante significativa.

Figura 3 – Circuito de Oficinas “A Natureza tem corpo, cor e som” – Oficina de Musicalização - 2011



Fonte: Acervo do pesquisador

Durante toda a oficina os jovens traziam falas que se relacionavam com seu dia a dia, revelando com essa relação, que as práticas trazidas estavam conseguindo proporcionar momentos de apreciação e fruição. O aluno, ao ligar a experiência que estava realizando – as atividades metodológicas – com as vivências de seu contexto, estava nos dizendo que aquele momento estava sendo especial para ele. O aluno via as produções e se via ali, identificava-se naquelas formas,

havendo ligação com o que já viveu. Desse modo, conseguimos perceber que aquele instante de apreciação e experimentação foi significativo para ele.

Todos os materiais que trouxemos para a construção de tintas naturais eram elementos que estavam cotidianamente em suas casas, tais como o ovo, beterraba, gelatina, carvão, entre outros. Essa vivência relaciona-se fortemente com a arte contemporânea, onde segundo Archer (2001, p. 106), na arte contemporânea: “a obra não é meramente algo para se olhar, mas um espaço a ser adentrado e experimentado de um modo físico pleno”.

Figura 4 – Circuito de Oficinas “A Natureza tem corpo, cor e som” – Instrumentos criados na Oficina de Musicalização - 2011



Fonte: Acervo do Pesquisador

O que buscávamos com esse projeto de extensão universitária não era formar artistas, muito menos aperfeiçoar técnicas, mas sim propiciar àqueles que participaram desses momentos, durante os dois anos da oficina, experiências estéticas que instigassem os alunos de forma prazerosa a falar e refletir sobre a sexualidade. Para nós educadores dessa ciência humana, segundo Perissé (2009, p.54) “o importante, contudo, é desencadear processos de percepção, de imaginação, de interpretação, de gozo estético”, de modo que com isso proporcionemos aos nossos alunos experiências estéticas significativas, seja em espaços formais ou não de ensino, da mesma forma que conseguimos alcançar com as experiências que proporcionamos aos alunos com esse circuito de linguagens e mediação. Através dessa análise podemos ir desvendando a solução de uma das

três questões que elaborei para nortear minha escrita *exploratória*, as falas, fotos e os vídeos das produções sonoras decorrentes dessa oficina, são a chave de uma dessas portas trancadas, onde descobri que por meio de oficinas, espaços não formais de educação, os alunos conseguiram ter experiências estéticas significativas para eles.

Após esse circuito de oficinas trazido acima, em outro dia, outra *viagem Aeronáutica*, outro encontro, realizamos uma atividade que fazia referência às vivências dos acontecimentos em meio ao circuito ocorrido na semana anterior.

Uma das bolsistas do projeto pediu aos alunos que criassem uma frase que tivesse relação com as oficinas que participaram na semana anterior e com o que teria ligação com a sua vida. Depois de um tempo raciocinando em silêncio, um desses alunos relacionou com o Museu da Infância dizendo:

- Eu gostei do museu, porque os brinquedos que tinham lá, me lembraram os tempos de infância, quando eu ainda era pequena.

Para Costella (2002, p.76) “a apreensão do conteúdo estético é uma forma de conhecimento que se faz através dos sentidos”. Essa fala trazida pela aluna, é a forma de conhecimento através dos sentidos que Costella se refere, é o retorno e a confirmação de que aquele momento, aquele sentir e ver-se ali, foi significativo para ela. Essa experiência estética vivida fora do espaço formal de ensino trouxe a aluna o resgate de lembranças de quando era criança, e esse relembrar “quando eu ainda era pequena” que a aluna nos mostra no fragmento do relatório trazido acima, é um dos objetivos do Museu, fazer com que essas lembranças e vivências permaneçam em nós, mesmo com o passar dos anos, fazendo com que a criança que vive em nosso interior nunca deixe de existir. A jovem viu a exposição de brinquedos trazida pelo Museu da Infância e se identificou com aquilo que estava vendo, de modo que o que estava ali diante dela fez parte de alguma vivência que a mesma trazia em seu repertório imagético – trazia em sua mala de viagem – e que foi despertado no momento em que ela enxergou dentro das vitrines expositivas, parte de sua história.

Em uma segunda oficina – outra resposta para meu porquê – dentro da nossa oficina semanal, trouxemos aos alunos duas experiências que foram recebidas por eles com muito entusiasmo. Com base nas observações e análises

que fazíamos antes de desenvolver os relatórios, pontuávamos o perfil de cada turma e de que forma teríamos que nos planejar metodologicamente para alcançar experiências que fossem cada vez mais significativas e que melhor dessem conta de dialogar com os alunos. Para Martins, Picosque e Guerra (2010, p.120) “desvelar/ampliar e propor desafios estéticos são como poção mágica de pirlimpimpim, na possível experimentação lúdica e cognitiva, sensível e afetiva do poetizar, do fruir e do conhecer arte”, esses desafios que as autoras citam, relaciono com as propostas que trazíamos em nossas oficinas, onde dessa forma nosso educar por meio do sentir, é o que cada vez mais dará asas para nossos alunos viajarem, explorarem novos horizontes, instigará nossos passageiros a serem pilotos de suas próprias aventuras.

Em uma dessas observações percebemos que grande parte dos meninos e algumas meninas participantes da oficina, gostavam de ouvir músicas do gênero Hip Hop, e se interessavam por esse estilo. Decidimos então, juntamente com a coordenadora do projeto, organizar um evento que reunisse novamente as escolas e propiciasse aos alunos uma nova vivência em meio às linguagens da arte e que estivesse relacionado diretamente ao contexto dos jovens.

Essa segunda oficina foi dividida em Danças Urbanas e Túnel dos Sentidos. Com os alunos todos juntos, ao mesmo tempo e nos mesmos espaços, trabalhamos com o grande grupo formado, diferentemente da primeira experiência que realizamos, em formato de circuito de atividades. Para entendermos melhor essa relação entre o contexto dos alunos e esse conjunto de sensações cito novamente o artigo que desenvolvi juntamente com Baumer, referente ao projeto de extensão:

Inicialmente na sala de dança os adolescentes puderam experimentar a dança urbana e perceber o quanto o corpo pode falar e criar meios para se expressar. Era nos espelhos da sala de dança que eles viam os movimentos gerados por seus corpos e a beleza que por meio de uma das linguagens artísticas era alcançada. (BAUMER et al, 2012, p.149)

Era visível o quanto aquela experiência estava sendo intensa para os alunos, a expressão que o grande grupo, em um todo, carregava em seus rostos nos dava a resposta que havíamos atingido nossos objetivos. Esse episódio ocorrido na sala de dança, foi o momento em que conseguimos mais uma vez fortalecer a ideia de “corpo” que buscávamos (des)construir juntamente com os alunos. Ali naquela

sala, em frente aos espelhos, tudo foi esquecido, os reflexos que se projetavam naquele espaço eram de adolescentes que estavam entregues de corpo e alma àquela vivência.

Fomos mostrando a eles um novo olhar, poético e sensível, onde a beleza do nosso corpo está nas ações que fazemos e nos sentimentos que carregamos conosco, e não serão as roupas, os acessórios e os padrões de beleza que dirão o que é feio ou bonito. Para compreendermos melhor esse olhar, trago Roemmers (2011) em “O Retorno do Jovem Príncipe”, onde o autor diz que “as pessoas às vezes são como ostras. Tudo o que temos de fazer é esperar, até que elas entreguem a pérola que trazem no seu interior” (p.29).

Nessa mesma oficina, após a experiência na sala de dança, os alunos foram encaminhados para o bloco Z, onde estão localizados os ateliês do curso de Artes Visuais. Na sala onde ocorrem as aulas de escultura e cerâmica, organizamos o túnel dos sentidos com diversos espaços formando uma trilha de experimentos que instigassem de modo sensorial os alunos que caminhariam naquele percurso. Havíamos colocado nesse grande espaço elementos como folhas secas no chão, gelatinas de diferentes sabores, massas acrílicas de diferentes texturas, incenso e ao fundo sons muito altos de ruídos urbanos coletados da cidade. Todos esses materiais instigavam alguma parte do corpo, desde o tato na sola dos pés, ao paladar.

[...] os alunos foram vendados e encaminhados a uma sala que oferecia diversos espaços e formas de experimentação dos sentidos através de cheiros, barulhos, gostos e texturas diversas. Enquanto alguns colegas extensionistas guiavam os alunos no percurso do túnel, percebíamos a ansiedade de cada um em querer experimentar a próxima sequência de sensações. [...] Depois de finalizado o percurso, o aluno era direcionado para fora da sala e só então retirava a venda. (BAUMER et al, 2012, p.149)

Esse vendar dos olhos foi o que possibilitou aos alunos imaginar o que estariam tendo contato, em qual material estavam tocando, experimentando e sentindo, e todo esse processo de imaginar, procurar na sua *mala de viagem* uma lembrança de um sabor ou cheiro relaciona-se com as vivências que cada indivíduo carrega consigo, de modo que as experiências vividas por eles fossem muito mais intensas.

Para compreendermos essa relação de memórias, repertórios e experiências estéticas, trago a fala de dois alunos que participaram do túnel que

recém haviam saído do experimento e conversavam entre si sobre aquele momento sensorial. “Logo no final, restando pouquíssimos alunos ainda dentro da sala, os que se encontravam ali fora e já haviam realizado a oficina, trocavam experiências contando o que sentiram no curto tempo que permaneceram lá dentro” (BAUMER et al, 2012, p.149).

- Cara, tinha uma hora que tinha que colocar a mão numa coisa meio gosmenta e gelada, você colocou?

- Coloquei sim. E na hora que estávamos de pé no chão, pisando nas folhas e veio o barulho do cachorro latindo... Deu um medo!

Essa ação de vivenciar experiências e as emoções que são provocadas a partir da educação e por meio do sentir, geram o deleite, onde segundo Perissé (2009, p. 26) “o deleite estético pressupõe e provoca a inteligência, a memória, a imaginação. Não se trata de algo que afete apenas nossos sentidos externos, mas todo o nosso corpo e toda a nossa interioridade”. Assim, partindo da afirmação do autor, relaciono-a com as duas atividades da oficina que trago aqui, onde os alunos experimentaram não somente seu corpo físico nas propostas que trouxemos a eles, mas sim suas emoções, sentimentos e medos, ou seja, seu ser por inteiro, tornando essa vivência muito mais significativa.

5.3 PROPOSTA DE AVENTURA

Com base nessa pesquisa, percebo o quanto atividades dinâmicas e que tragam o contexto dos alunos são importantes e significativas, tanto para aluno quanto para o professor. Quando associamos as vivências que já realizamos com as atividades que fazemos no agora, tornamos a experiência muito mais intensa, principalmente quando dialogamos sobre arte e experiência estética.

Segundo Martins, Picosque e Guerra (2010, p.120),

Muitas vezes o aprendiz ainda não viveu situações de aprendizagem em arte, e também tenha dificuldades em explorar e comunicar ideias de pensamentos/sentimentos, pode ter aprendido apenas a seguir a lição de outros. Silenciado de seu próprio pensar/sentir, repetidor do pensamento de outro, esse aprendiz terá de ser envolvido na rede da linguagem da arte por outros caminhos.

Essas situações de aprendizagem que as autoras nos mostram, são as experiências, *viagens, sobrevoos*, que o aluno ainda não vivenciou e que por falta desse *explorar novos horizontes*, possui uma *mala de viagem*, um repertório limitado. Tendo esse repertório mais restrito, o aluno cada vez que sentir necessidade de se comunicar, expressar suas ideias, vai buscar em sua bagagem formas de se comunicar. Entretanto, quando o sujeito possui um repertório limitado ou seja, não possui uma ampla mala de vivências que o auxiliem nesse falar, isso ocorrerá com mais dificuldade, pois os meios que estão guardados consigo não dão conta de expressar o que pretende contar.

Antes de sugerirmos aos alunos *voo, viagens aventureiras* em nossas aulas, sejam elas de Artes ou de outra disciplina, faz-se necessário que os professores primeiramente tenham consigo uma mala recheada de experiências, para que dessa forma possam propiciar aos alunos vivências significativas.

Para entendermos melhor esse educar por meio do sentir, peço que você se permita imaginar, voar, explorar as dimensões que nós, depois que viramos *gente grande*, muitas vezes esquecemo-nos de adentrar. Peço que agora coloque seus óculos cor de rosa, azul, amarelo, qual seja, que lhe permita um olhar mais refinado e que lhe ajude a não ver somente as coisas, mas sim enxergar as poesias que o mundo esconde.

Com essa proposta de oficina, busco encontrar aquilo que se tornou um pouco frágil em nosso dia a dia, mas que carregamos conosco aonde quer que estejamos: as memórias. Dias, momentos, objetos... Tudo aquilo que de alguma forma nos é significativo e nos faz sermos o que somos hoje.

TÍTULO: Bagagem aérea

JUSTIFICATIVA:

Relembrar é reviver, e quanto mais “lembrarmos” nas aulas, mais significativos serão os momentos vivenciados em sala. Desse modo, para que isso seja possível, devemos começar com os professores, que plantarão essa sementinha em cada aluno, propiciando a eles novas experiências.

Essas experiências têm grande importância no desenvolvimento do sujeito, seja na aula de Artes, ou em qualquer outra área de conhecimento que se encontra no currículo escolar, as experiências, vivências e o contexto de cada aluno fazem com que ele tenha um repertório que supra sua vontade de comunicar-se. Pensamos agora, para melhor entendermos, em um *piloto que já viajou o mundo todo. Esse mesmo piloto sempre quando achar necessário, recorrerá à sua bagagem, mala de viagem constituída por suas histórias, experiências e lembranças, que conquistou percorrendo os cantinhos da terra, para falar e entender as próximas vivências que irá realizar.*

Nesse mesmo ponto de vista, o aluno também carrega junto de si uma *mala de viagem*, um repertório de imagens, histórias e outras coisas que teve contato desde quando deu os seus primeiros voos. A arte, nesse sentido, nos permite ir além, segundo Perissé (2009, p. 59) ela “atua como espaço de jogo, como limiar de descobertas, como abertura para combinações novas, para a reinvenção da liberdade”, ou seja, o aluno busca em seu repertório uma nova forma de pensar e expressar aquilo que pretende dizer, tornando sua fala, ação ou experiência muito mais significativa.

OBJETIVO GERAL:

Estimular o exercício da imaginação por meio das memórias revisitadas na experiência estética.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Estimular a imaginação a partir das memórias de cada sujeito;
- Propiciar interação entre sujeitos e seus repertórios culturais;
- Ampliar a bagagem e o repertório cultural dos participantes.

EMENTA

Imaginação; Arte; Memória; Cultura; Ludicidade; Experiência Estética.

Carga-horária: 5 horas (Ou quanto sua mala comportar).

Público alvo: Professores de todas as áreas do ensino fundamental I

METODOLOGIA

Dividiremos esse encontro oficinairo em três breves etapas que terão como tema: memórias. A primeira, em uma roda de diálogos, partindo de uma produção sonora; a segunda em uma atividade prática e a última na avaliação dessa experiência.

- No início dessa oficina, deitaremos no chão, todos de maneira mais confortável possível, com os olhos fechados e luzes da sala apagadas. Pedirei que nesse instante todos se concentrem em suas lembranças de infância e momentos significativos que tiveram, ao fundo colocaremos a música Capitão Gancho da cantora Clarisse Falcão¹⁶, que faz referência as memórias, recordações que guardamos conosco.

Em seguida, após o término da música, retornaremos de nossas *viagens*, *aterrissando* novamente, e abriremos o momento dos pontos de interrogações, dialogando sobre o que é repertório, e por que ele é importante para os alunos.

- Finalizado essa roda de conversa, partiremos para o próximo exercício que traz como objetivo proporcionar, de forma dinâmica, uma troca de experiências que cada viajante leva em sua mala de viagem, de forma lúdica e imaginativa.

Todos os pilotos aventureiros deverão, no primeiro momento sentar-se ao chão em círculo, onde ficarão mais próximos uns dos outros. Ao centro dessa grande roda, terá uma mala, recheada de objetos dos mais variados tipos, que farão referências às recordações de cada pessoa. Brincaremos nesse contexto de faz de conta, como se abordo de um avião receberemos propostas de voo e sobrevoos que cada aventureiro nos fará. Um integrante inicia a viagem, levantando-se e indo até a caixa.

De dentro dela escolherá um objeto que lembre alguma experiência que tenha vivenciado, e trará ao grupo de forma narrativa essa experiência, de modo que o próximo escolhido a vir buscar uma recordação na mala de viagem, possa dar continuidade a essa historia. A cada historia contada é dever do piloto contador informar quais as sensações que aquela viagem causará aos passageiros,

¹⁶ FALCÃO, Clarisse. **Capitão Gancho**. Música. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/clarice-falcao/capitao-gancho.html>>. Acesso em: 06 de nov. de 2013

informando as turbulências, as quedas, as curvas e aterrissagens, dessa forma, o restante do grupo que ouve a historia encenará as sensações que lhes foram orientadas.

Após cada contador finalizar seu fragmento de narrativa, deverá escolher outro passageiro para que dessa vez possa virar piloto dessa aventura, assim todos participarão da atividade. Quando for a vez do último piloto a dirigir o “avião”, deverá finalizar a historia, aterrissando, caindo ou decolando perdidamente nos céus... Não sei... Isso deixo a critério de cada aventureiro a arriscar-se nesse mundo de imaginação.

- Ao final dessa segunda etapa, todos sentados em seus lugares, retornaremos aos dois *porquês* trazidos no início das atividades, fazendo a análise desses *pontos de interrogação*, relacionando com as experiências que acabamos de vivenciar.

REFERÊNCIAS DA PROPOSTA

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino de arte**: a língua do mundo: livro para análise do professor. 1. ed São Paulo: FTD, 2010. 206 p.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética & Educação**. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2009.

6 ÚLTIMA PARADA: O DESEMBARCAR DAS NOVAS MALAS

Já podemos agora escutar o *som do avião aterrissando*, anunciando o fim de mais uma viagem, curta em tamanho, por sinal, mas que trouxe muitas *malas* carregadas de histórias.

As vivências, falas e emoções que essa pesquisa resgatou em mim foram o combustível que ajudou a impulsionar esse avião na busca de desvelar meus *porquês*. Infelizmente algumas das histórias que contei e ouvi durante esses dois anos de *explorador* durante a extensão universitária, levarei somente comigo. A mala que levei para essa viagem é pequena, não capaz de comportar tantas aventuras, entretanto, o pouco que trouxe aqui foram as mais significativas para mim.

Vejo agora com minha pesquisa o quanto fui importante e me sinto orgulhoso por isso. Ajudei a propiciar experiências estéticas que foram significativas, mesmo sendo em espaços não formais de ensino. Ajudei jovens a verem o mundo de outra forma, da mesma forma que via – vejo ainda – destacando cores e formas, prestando atenção naquilo que vai além dos olhos.

Todo o montar das metodologias, o pesquisar de atividades, as três bolsistas e eu, planejávamos arduamente, buscando proporcionar por meio da arte, vivências que não fossem esquecidas após o fim de cada encontro, pelo contrário, queríamos que aquelas experiências fossem colocadas na mala, e levadas para todo o canto da vida de cada um que as vivenciou.

Podemos identificar com essa minha busca, que os objetivos traçados nessa *viagem* foram alcançados e o grande ponto de interrogação desse enorme *roteiro foi respondido*.

Percebi as contribuições que essa ação extensionista trouxe, tanto a mim quanto aos alunos do projeto *Oficina de arte e expressão: refletindo valores para a vivência da sexualidade*. Juntos, bolsistas, universidade e escola, encontramos meios de solucionar a problemática inicial que se encontrava no meio social, e nós bolsistas, acadêmicos ainda em processo de formação, tivemos a experiência de poder atuar em nossa área, desvelar dúvidas, aprendendo com nossos erros e acertos e dessa forma, nos tornarmos profissionais mais preparados.

A extensão, concluo, com base em minha vivência e com essa pesquisa, é uma grande aliada no ensino superior, além de nos colocar em prática,

experimentar e atuar em nossas áreas, nos fortalece com os conhecimentos que adquirimos na pesquisa. Nesse processo de auxiliar a comunidade, contexto social, somos orientados a buscar as melhores alternativas para desvendar as problemáticas que identificamos no início de uma extensão universitária no espaço social.

A extensão é uma das portas para a atuação de novos pesquisadores, é o incentivo que a instituição dá para formar profissionais qualificados, capazes de atuar no mercado de trabalho de uma forma mais integrada.

Os benefícios trazidos para a sociedade, com esse diálogo entre instituição, acadêmicos e meio social, são amplos, pois como vimos com essa pesquisa, o projeto que tinha como objetivo central reflexões para a vivência de uma sexualidade mais saudável ultrapassou seus propósitos e se mostrou aberto e conectado ao foco da extensão que é o contexto da comunidade. Todos os estudos que fizemos, serviram para orientar os alunos a passarem pela adolescência de uma forma mais segura, mais saudável e mais feliz. É Implantando ações como essas na comunidade, que colheremos bons frutos.

Acima de tudo o que mais levarei dessa viagem, são os risos, os momentos bons que vivi em meio a tudo isso. As primeiras vezes que fui chamado de Prô, e a alegrias que ajudei a construir por meio da arte.

Com a mala cheia agora, com mais um bocado de *porquês* já esclarecidos concluo essa busca. Não deixarei nunca de, assim como o Pequeno Príncipe, questionar, explorar e deixar que a coceira de um ponto de interrogação me agonie, serei sempre aquele Prô que aprendi a ser como algumas grandes mestras que tive no curso, durante esses quatro anos de faculdade. Que me fizeram aprender a instigar, desvelar possibilidades, *ensinaram que só se vê bem com o coração, porque o que é essencial, é invisível aos olhos.*

E é isso que quero ensinar aos meus alunos, mostrar a eles um mundo cheio de aventureiras viagens dentro das múltiplas linguagens da arte. Ensinar da mesma forma que fui ensinado, a ver bem com o coração, mas acima de tudo, ajudar meus futuros pilotos a enxergarem os inúmeros elefantes que se escondem por trás dos chapéus, que encontramos diariamente em nossas vidas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Anna Rita Ferreira de. **Encruzilhadas do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2007. 111 p

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: Uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAUMER, Edna Regina. et al. Arte, Corpo e sexualidade: reflexões possíveis a partir da extensão universitária. **Revista Cataventos**. Ano 4. n 1. Cruz Alta: Unicruz, 2012

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: **Lei 9394/96**. Brasília : MEC /SEF, 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC /SEF, 1998.

COSTELLA, Antônio. **Para apreciar a arte**: roteiro didático. 3.ed São Paulo: SENAC/SP, 2002. 80 p.

DUARTE, Rodrigo. **A Arte**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2012

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende E. **Metodologia do ensino de arte**: fundamentos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993. 205 p.

FARTHING, Stephen, 1950 - **Tudo sobre arte** / Stephen Farthing [tradução de Paulo Polzonoff Jr. et AL.]. – Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 207 p.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino de arte**: a língua do mundo: livro para análise do professor. 1. ed São Paulo: FTD, 2010. 206 p.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética & Educação**. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2009

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. . **Reflexões sobre o ensino das artes**. Joinville, SC: Ed. UNIVILLE, 2001. 151 p

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**: com aquarelas do autor; tradução de Dom Marcos Barbosa. – 48. ed. - Rio de Janeiro: AGIR, 2009. 95 p.

ROEMMERS, Alejandro Guillermo. **O retorno do jovem príncipe**/ tradução Paulo Afoso. – Rio de Janeiro: Objrtiva, 2011.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 3ªed. Ver. Atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p.

VASCONCELLOS. Marcya. A arte em cena na escola. In. SILVA, Ângela Carrancho da. (org.) **Escola com arte: multicaminhos para transformação**. Porto Alegre, Ed. Mediação. 2006